

REFLEXÕES FRANKFURTIANAS SOBRE O IMPACTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

José Vitor Lemes Gomes

Faculdades Integradas Paiva de Vilhena – Fundação Cultural Campanha da Princesa

Mestre em Ciências Sociais

vitorlemes.cso@hotmail.com

Resumo

Esse artigo consiste em um entendimento do impacto dos meios de comunicação na formação do sujeito. Tal impacto é mensurado através de três indagações: 1ª) A interação com os meios de comunicação leva o sujeito a uma situação de autonomia ou heteronomia? 2ª) Os meios de comunicação exercem uma influência determinista sobre o sujeito? E, por fim, 3ª) O sujeito é capaz de resistir à pressão da mídia? As respostas são buscadas nas considerações de Adorno, Horkheimer e Habermas. Desse modo, o artigo demonstra uma relevante diferença entre as concepções de Adorno/Horkheimer para as concepções de Habermas.

Palavras-chave: Comunicação, Massa, Sujeito.

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação de massa têm um papel peculiar na modernidade. No século XIX a imprensa escrita já havia evoluído intensamente. Segundo Habermas (1984) a imprensa escrita é oriunda do sistema de correspondência privada que em um dado momento deixa de ser imprensa de informação para ser imprensa de opinião, pois os jornais que publicavam só notícias tornam-se porta vozes da opinião pública. Nos anos 30 do século XIX a imprensa incorpora o caráter comercial nos Estados Unidos, Inglaterra e França. Segundo John Thompson (2000), Gutenberg inventa a imprensa por volta de 1440, mas só no início do século XVIII jornais diários e semanais se estabelecem efetivamente. A evolução da tecnologia de comunicação ganha impulso com a possibilidade de empregar-se a eletricidade para transmissão de informação, ao fim do século XIX surgem o telegrafo e o telefone. No século XX a comunicação ganha um grande impulso, torna-se possível a larga distribuição de mensagens a longas distâncias em um mesmo instante, esse fenômeno se deve a introdução do rádio e da

televisão como meios de comunicação. Isso ocorre na década 1920, quando torna-se possível a transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas e, com isso, a utilização do rádio e da tv, os meios de comunicação mais eficazes na efetivação da comunicação de massa. É notável que os meios de comunicação permeiam, cada vez mais, o dia-a-dia dos indivíduos, desde as suas experiências públicas até as mais íntimas. A televisão, mais que os outros meios, trás para dentro da vida privada dos lares diversos tipos de conteúdos. As tecnologias de comunicação tendem à onipresença na vida social.

Considerando essa realidade, cabe questionar quais as conseqüências para formação do indivíduo, qual o resultado da interferência da mídia na formação do indivíduo? Para isso utilizaremos questionamentos de Mark Poster contidos na obra *The Second Media Age*. Poster apresenta três questões para pensar como a mídia atua na formação do sujeito, que são: 1ª) O binário autonomia/heteronomia. A interação com a mídia leva o sujeito a uma situação de autonomia¹ ou heteronomia²? 2ª) A relação do sujeito com a mídia é ou não determinista? Ou

seja, a mídia determina o pensamento e comportamento do sujeito? E por fim, 3ª) o sujeito, enquanto agente da recepção tem ou não capacidade de resistir à pressão da mídia, isto é questioná-la e contradizer suas mensagens? Para responder a tais questões recorreremos a algumas reflexões de Adorno/Horkheimer e Habermas.

ADORNO E HORKHEIMER

A Escola de Frankfurt é mais do que um instituto de pesquisa localizado na cidade de Frankfurt, na Alemanha, trata-se de um grupo de pensadores que se aplicaram na construção de uma linhagem teórica que somou filosofia, psicanálise e pesquisa social. Esse grupo não permaneceu durante toda a sua existência em Frankfurt, com o nazi-fascismo, seus principais ícones, como Adorno e Horkheimer, migraram para outros países europeus, até irem para os Estados Unidos fugindo da censura e opressão. Esse grupo de intelectuais viveu o contexto das duas grandes guerras, do autoritarismo soviético e da cultura de massa nos Estados Unidos. Tudo isso confere ao pensamento frankfurtiano um

pessimismo, um ceticismo quanto à emancipação humana. Esses acontecimentos são interpretados por esses pensadores como manifestação de controle e dominação. Que controle? Que dominação? O controle e domínio da razão humana sobre a natureza externa e sobre o próprio homem. As sociedades ocidentais são dominadas por forças que estão além do controle pessoal, o indivíduo é um átomo que não tem escolhas genuínas, mas tem seu ideário influenciado pela indústria cultural que molda a personalidade de acordo com interesses dominantes. O indivíduo ocidental é coagido, também, pelas forças armadas, dos estados fascista e soviético, instituições as quais a sociedade esta subordinada ideológica e fisicamente. Deve ser evidente a influência do pensamento marxista nos frankfurtianos, esses trazem de Marx a busca de uma sociedade melhor por via do intelectual conscientizador, agente dotado de entendimento para reverter à falsa consciência em esclarecimento iluminista. Porém, nesse sentido, a Escola de Frankfurt evidencia uma contradição, pois a razão que o iluminismo propôs como forma de emancipação humana é, ao contrário, o instrumento de dominação. A razão

científica que propiciou o surgimento do mundo fabril também criou as relações de classe baseadas na exploração. Além disso, a razão humana propiciou a construção do equipamento bélico, inclusive da ogiva nuclear que marca a Segunda Guerra Mundial. Por fim, não poderíamos deixar de lembrar que a razão humana criou a tecnologia de comunicação que desencadeia a indústria cultural, a qual, foi e é, instrumento de dominação na perspectiva de Adorno e Horkheimer. Esses autores apontam contradição na razão humana, pois desde Platão, passando pelo iluminismo, por Hegel, até Marx, a razão é concebida como meio de emancipação do homem, mas na verdade essa razão produziu, além da dominação externa da natureza, a dominação do próprio homem. Essa é uma aporia que a Escola de Frankfurt coloca para si mesma, pois se a razão produziu tantos danos imprevistos para a humanidade, como iriam prosseguir trabalhando com um pensamento racional como é o filosófico e empírico? Na busca de resolução classificam essa razão como instrumental, oposta a razão crítica, que vem a ser a razão utilizada por eles. A razão instrumental é aquela que ajusta os meios mais adequados

para obtenção de fins desejados, funciona como técnica, sendo capaz de solucionar problemas pontuais e restritos, mas é incapaz de pensar a si mesma de modo crítico e reflexivo. A razão crítica, pelo contrário, é aquela que questiona o próprio saber, o próprio conhecimento. Adorno, Horkheimer e os demais frankfurtianos consideram como razão instrumental, o positivismo e como razão crítica o marxismo e a psicanálise. A concepção weberiana de racionalização do mundo como forma de desencantamento, burocratização, o aprisionamento do homem em uma jaula de ferro, é para o grupo um diagnóstico preciso dos dilemas que procuram evidenciar em sua contemporaneidade. Avançam em relação a Weber ao formalizarem o conceito de razão instrumental, que Weber chamava de teleológica, racionalidade típica da ação racional referente a fins. O autoritarismo Nazi-Sovietico, o Estado Burguês, a economia capitalista e a indústria cultural são expressões da razão instrumental que domina o homem, submetendo à técnica, a natureza externa e interna da humanidade.

Nesse sentido Seyla Benhabib argumenta:

Por racionalização social, Adorno, Horkheimer e Marcuse referem-se aos seguintes fenômenos: o aparelho de dominação administrativa e política estende-se a todas as esferas da vida social. Essa extensão da dominação é realizada através das técnicas organizacionais, cada vez mais eficientes e previsíveis, desenvolvidas por instituições como a fábrica, o exército, a burocracia, as escolas e a indústria da cultura. A eficiência e previsibilidade dessas novas técnicas organizacionais são possibilitadas pela aplicação da ciência e da tecnologia, não apenas a dominação da natureza externa, mas também ao controle das relações interpessoais e à manipulação da natureza interna. (Benhabib, 1996. p. 79).

Mark Poster, quem nos dá as questões dinamizadoras dessa abordagem, comenta, em *The Second Media Age*, as posições de Adorno, Horkheimer e Habermas (entre outros) sobre as questões relativas a influência da mídia no sujeito. Mark Poster indica que para Adorno e Horkheimer há determinismo tecnológico nas relações entre mídia e sujeito e nessa relação o sujeito fica em situação de heteronomia, contudo esses autores enfatizam que a mídia interfere negativamente na formação do sujeito.

Adorno e Horkheimer irão entender o modelo de radiodifusão (radio, tv e cinema) como uma prática fascista, pois trata-se de um processo de erradicação da diferença, nesse modelo todos se submetem a programas iguais, idênticos e, além disso, o fluxo da mensagem é unilateral, a um só instante, um sinal idêntico de informação é emitido para diversos receptores. No caso do rádio indicam a tendência de conferir-se a palavra do locutor uma falsa ordem, uma palavra absoluta. Entendem que esse modelo produz, ou tenta produzir um idioma de comando.

‘The inherent tendency of radio is to make the speaker’s Word, the false commandment, absolut. A recommendation becomes an order’. For Adorno and Horkheimer the broadcast model of the first media age was the practical equivalent to fascism (Poster, 1995. p. 6).

In their effort to understand how the culture of capitalism undermines the dialectic, how it transforms the working class from a potentially revolutionary subject into a passive consumer, a decidedly conservative political force, Adorno and Horkheimer bypass

the cultural level in favor of technological determinism (Ibid. p.8).

Para Adorno e Horkheimer a cultura capitalista transforma a classe trabalhadora, de potencial revolucionário, em consumidora passiva, pois a cultura de massa leva a reações automáticas, debilitando as forças de resistência individual. Diante da tv o sujeito não é independente e reflexivo, mas inconsciente e massificado.

Jürgen Habermas teve formação intelectual imersa na corrente frankfurtiana, em contato direto com os pensamentos de Adorno e Horkheimer. Habermas, porém, amadurece, em um momento tardio do século XX, uma concepção menos pessimista que aquela de seus mestres de Frankfurt. Contudo a próxima etapa desse artigo consiste em apresentar as colocações habermasianas sobre os impactos da mídia na formação do sujeito.

HABERMAS: POTENCIAIS E LIMITAÇÕES DA COMUNICAÇÃO

Habermas é o último grande expoente da Escola de Frankfurt e nessa condição tenta apontar a solução para os

problemas deixados por Adorno e Horkheimer, o principal deles é a questão da razão, o domínio da razão instrumental em nossa sociedade, o que implica em múltiplos poderes perpassando a vida dos homens, retirando deles qualquer possibilidade de ação transformadora. Trata-se do diagnóstico weberiano de racionalização, burocratização, o que faz a vida social funcionar por regras, premissas instrumentais.

Habermas apresenta uma solução para a aporia frankfurtiana da razão, essa solução é conceitualizada como *ação e razão comunicativas*. A *ação comunicativa* é aquela que se orienta por uma razão comunicativa, que antes de tudo é oposta a razão instrumental. Essa ação só pode ocorrer na interação social quando dois ou mais indivíduos, vizinhos, freqüentadores de um bar, estabelecem um diálogo no qual um não exerce coerção sobre o outro e os pensamentos são expostos livremente, sem inibição. Essa interação dialógica, quando feita de forma reflexiva, quando através disso se pensa alternativas novas para o funcionamento da vida social, consiste no exercício de uma razão comunicativa. Para Habermas existe na sociedade focos de

potencial da razão comunicativa, porém isso só é possível no setor social que chama de *mundo vivido*, ou seja, nos espaços do microssocial onde as regras instrumentais do sistema (grupo de instituições) não são hegemônicas. O mundo vivido é o espaço no qual os indivíduos interagem “de igual para igual”, consiste nos momentos informais da vida social, os cafés, bares, a rua, a praça pública e etc. Bárbara Freitag comenta da seguinte forma o *mundo vivido* habermasiano:

O mundo vivido apresenta, pois, duas facetas: a da continuidade e a da mudança. Continuidade, porque é nele que se dão a reprodução cultural, a integração social e a socialização. Mudança, por que é o lugar em que se questionam e reformulam as aspirações de validade dos atores em relação aos três mundos formais (o objetivo, o social e o subjetivo). É portanto aquele em que podem ser contestadas afirmações sobre a verdade dos fatos, a validade das formas e a veracidade das manifestações subjetivas (Freitag, 2005. p.43).

Como oposto ao mundo vivido, Habermas, apresenta o *sistema*, consiste nas instituições burocráticas, hierarquizadas, regidas por regras inquestionáveis, como exemplo o Judiciário, as religiões, o governo, o

mercado, as grandes empresas, os espaços regidos por leis reificadas pela razão instrumental. Bárbara Freitag (2005, p.45) afirma que o sistema em Habermas, “serve para caracterizar aquelas estruturas societárias, responsáveis pela reprodução material da sociedade: a economia e o estado burocrático.” Habermas apresenta quatro meios de orientação para a ação instrumental, esses quatro meios são o dinheiro, o poder, a influência e o vínculo a valores. Tais meios são, para Habermas, mecanismos que dispensam a linguagem e o entendimento mútuo, regendo a interação de forma automatizada, isso assegura previsibilidade e calculabilidade, tecnificando o mundo material, político e social.

Para Habermas só é possível pensar numa razão comunicativa por que, diferenciando-se dos frankfurtianos e de várias linhas filosóficas, concebe a razão não como algo centrado no sujeito, mas sim como algo ligado a linguagem, para ele a *razão é lingüística*. A linguagem já existe antes do nascimento do indivíduo e continua existindo após sua morte. O sujeito pensa em alguma língua, pensa através das categorias que a linguagem o

proporciona. Assim a racionalidade está submetida à linguagem e conseqüentemente o agir racional depende da linguagem. Contudo, o agir racional, deve ser um agir comunicativo, discursivo, dialógico. O agir comunicativo, porém, só é perfeitamente efetivo no *mundo vivido*, espaço que, segundo Habermas, vem sendo colonizado pelos meios de orientação típicos do *sistema*.

A *colonização do mundo vivido* pelos meios de orientação típicos do *sistema*, isto é, dinheiro e poder, inviabilizam a *ação comunicativa*, pois, dinheiro e poder são mecanismos que dispensam o diálogo e a busca de consenso. Na esfera do mercado e da burocracia existem regras subjacentes, intrínsecas às relações, independentes de interação comunicativa. O objetivo da razão comunicativa é a descolonização do mundo da vida pelos mecanismos do sistema, pois a colonização do mundo da vida pelo sistema esvazia as práticas comunicativas.

Entendemos que a comunicação para Habermas deve ser dialógica e não unilateral como na comunicação de massa. Para Habermas a comunicação deve envolver interação, o que é

indispensável para a efetivação da ação comunicativa. A ação comunicativa se dá nos espaços do microssocial onde pode haver interações sem coerções e o indivíduo pensa e se expressa livremente. Essa relação entre interação e ação comunicativa é abordada por Giddens no texto *Sobre trabalho e interação em Habermas*. Segundo Giddens, Habermas trata interação como algo equivalente a ação comunicativa.

A interação, por outro lado, com a qual Habermas equacionou a ação comunicativa, é governada por normas consensuais interligadas, que definem expectativas recíprocas sobre o comportamento e tem que ser entendidas e reconhecidas por, pelo menos, dois dos sujeitos da ação. A ação comunicativa estaria baseada na comunicação pela linguagem comum e dependeria da compreensão mútua dos símbolos sociais (Ibid. p.301).

Se a ação comunicativa exige uma relação dialógica e interativa, como Habermas avalia as possibilidades de comunicação efetiva através dos mass media? Quanto aos meios de comunicação Habermas indica uma ambivalência. Por um lado os meios de comunicação liberam os processos comunicacionais da provincialidade, dos contextos limitados no espaço e no

tempo, fazem surgir espaços virtuais para a opinião pública. Por outro lado, esses espaços criados pelos meios de comunicação, estão hierarquizados de forma que não há livre fluxo de informação, livre argumentação e apresentam um caráter unilateral do fluxo de comunicação do centro para periferia. Habermas reconhece que os meios de comunicação podem atuar como forma de controle social, porém o autor não perde de vista, o potencial emancipatório dos atores, capazes de contradizer as mensagens advindas da mídia.

Los medios de comunicacion de masas pueden ciertamente, escalonar, acaparar y condensar simultaneamente los procesos de entendimiento, pero solo en primera instancia pueden descargar a las interacciones de las tomas de postura de afirmacion o negacion frente a pretenciones, aun cuando se las abstraiga y empaquete, nunca pueden quedar fiablemente blindadas contra la posibilidad de ser contradichas por actores capaces de responder autonomamente de sus propios actos (Habermas, 2003. p.553).

Para Habermas a prova de que os atores estão aptos a resistir à pressão de controle social dos meios de comunicação de massa e a colonização do mundo da vida pelo sistema é o potencial de protesto desses atores.

Exemplos desse potencial de protesto são: o movimento ecologista, movimento antinuclear, movimento de minorias, movimentos de protesto contra os impostos, movimentos feministas, fundamentalismo religioso e diversos outros.

Na obra *Direito e Democracia*, Habermas define a *esfera pública* como um espaço de livre comunicação, enraizado no mundo da vida, afetado pelos problemas da política. Na democracia a esfera pública não pode apenas constatar problemas, mas precisa, também, polemizá-los, de modo que possa exercer pressão nas instâncias de decisão. Habermas enfatiza a esfera pública como um espaço livre de coerções.

A esfera pública, não pode ser entendida como uma instituição, nem como uma organização, pois, ela não constitui uma estrutura normativa capaz de diferenciar entre competências e papéis, nem regula o modo de pertença a uma organização, etc. Tampouco ela constitui um sistema, pois, mesmo que seja possível delinear seus limites, exteriormente ela se caracteriza através de horizontes abertos,

permeáveis e deslocáveis. (...) A esfera pública constitui principalmente uma estrutura comunicacional do agir orientado pelo entendimento, a qual tem a ver com o espaço social gerado no agir comunicativo, não com as funções nem com os conteúdos da comunicação cotidiana. (...) Qualquer encontro que não se limita a contatos de observação mútua, mas que se alimenta da liberdade comunicativa que uns concedem aos outros, movimenta-se num espaço público, constituído através da linguagem (Habermas, 1997. p.92-93).

Habermas indica que a Esfera Pública é, além de tudo, o espaço no qual pode-se influenciar ou formar a opinião pública. Ao tratar do conceito de opinião pública o autor ressalta que essa noção não expressa o agregado de opiniões individuais e assim não pode ser resultado de pesquisa de opinião. Esse tipo de pesquisa pode apenas fornecer um reflexo da opinião pública.

opiniões públicas representam potências de influência política, que podem ser utilizadas para interferir no comportamento eleitoral das pessoas ou na formação da vontade nas corporações parlamentares, governos e tribunais. A influência publicitária, apoiada em convicções públicas, só se transforma em poder político, ou seja, num potencial capaz de levar a decisões impositivas,

quando se deposita nas convicções dos membros autorizados do sistema político, passando a determinar o comportamento de eleitores, parlamentares, funcionários, etc (Ibid. p.95).

A influência publicitária que Habermas cita é atividade da mídia e, na maioria dos casos, é veiculado pelos meios de comunicação de massa (tv, radio, jornais). Assim ressaltamos que a opinião pública, como a esfera publica, são alvos da publicidade midiática. A esfera publica é o espaço de luta por influência sobre a opinião pública, que pode ser manipulada.

Devemos lembrar que essa teorização de Habermas deve ser pensada em contextos democráticos nos quais estão asseguradas liberdades como a liberdade de opinião, de reunião, de associação, de imprensa e etc. Nesse contexto o político profissional, que precisa da aprovação popular para se manter ou chegar no poder, depende da sua influência sobre a opinião pública. Assim os partidos e políticos irão recorrer a publicidade e aos meios de comunicação, fato que Habermas aborda em *Mudança Estrutural da Esfera Publica*, obra na qual o autor revisa a evolução histórica da esfera pública ressaltando que a

evolução da mídia é paralela a da esfera pública e interfere nela. Em *Direito e Democracia*, também, é enfatizada a influencia da mídia sobre a esfera pública. Influência que se dá através de estratégias de elaboração da informação.

Antes de serem postas no ar, tais mensagens são submetidas a estratégias de elaboração da informação, as quais se orientam pelas condições de recepção ditadas pelos técnicos em publicidade. E dado que a disposição de recepção, capacidade cognitiva e atenção do público constituem uma fonte extremamente escassa, que é alvo dos programas correntes de várias emissoras, a apresentação de notícias e comentários segue conselhos e receitas dos especialistas em propaganda. A personalização das questões objetivas, a mistura entre informação e entretenimento, a elaboração episódica e a fragmentação de contextos formam uma síndrome que promove a despolitização da comunicação pública. Esse é o verdadeiro núcleo da teoria da indústria cultural (Ibid. p.110-111).

A relação entre esfera pública e mídia, por essa perspectiva, gera pessimismo quanto à capacidade da esfera pública influenciar o sistema político. Mas Habermas alerta que isso só ocorre em caso de repouso, inércia da esfera pública, quando essa se movimenta as relações entre sociedade

civil e sistema político podem sofrer modificações. Nesse sentido Habermas (1997, 113) afirma: “...retomo a questão central, que consiste em descobrir o sujeito capaz de colocar os temas na ordem do dia e de determinar a orientação dos fluxos de comunicação.”

Habermas propõe que o grupo que se encontra fora da estrutura governamental exerça pressão nas instâncias de decisão, articulando demandas e disseminando em outros grupos o interesse nas questões em pauta. Caso contrário o poder de introduzir temas na ordem do dia e amadurecê-los será restrito ao governo e ao parlamento. Os atores da esfera pública devem, também, fazer com que os meios de comunicação de massa dêem visibilidade às questões de seus interesses.

Pois, para atingir o grande público e a agenda pública, tais temas tem que passar pela abordagem controversa da mídia. As vezes é necessário o apoio de ações espetaculares de protestos em massa e de longas campanhas para que os temas consigam ser escolhidos e tratados formalmente, atingindo o núcleo do sistema político (Ibid. p.116)

Diferente de Adorno e Horkheimer, Habermas apresenta reflexões que reduzem o determinismo da mídia sobre os agentes. Tanto suas obras, quanto seus comentadores irão confirmar esse dado. Para Habermas a esfera pública é ameaçada pela mídia eletrônica, que pode invalidar o potencial democrático desse espaço social onde o sujeito forma sua opinião. Habermas entende que a mídia não traz uma situação de fala ideal, porém vê aspectos positivos na mídia, ao contrário de Adorno e Horkheimer. Isso é possível por que Habermas entende os homens como atores responsáveis que podem resistir às pressões da mídia. Assim a ação comunicativa poderá ter seu poder elevado pela comunicação de massa do século XX, afinal a mídia atinge um grande público. Nesse sentido, Mark Pôster afirma:

The media for him (Habermas) are certainly not ‘an ideal speech situation’ or a democratic public sphere. However, since human beings are so powerfully constituted as ‘responsible actors’, even if only in Habermas’s theory, they are, he thinks, capable of resisting the media (Poster, 1995. p.13).

Habermas entende que algumas experiências históricas tiveram

influência determinante para formação da teoria crítica e algumas dessas confirmaram o diagnóstico weberiano. Esses fatos são: 1) a burocratização e autoritarismo da experiência comunista soviética. 2) O fascismo e 3) a cultura de massa, fenômeno que Adorno e Horkheimer viram com mais nitidez nos Estados Unidos, onde o capitalismo tinha força integradora sem necessidade de repressão, os meios de comunicação de massa disseminaram os imperativos do status quo. Diante da cultura de massa os frankfurtianos viram uma forma de fascismo, como já afirmamos anteriormente.

Deve ser ressaltado, na cultura de massa, a capacidade de integração social exercida pelos meios de comunicação, fenômeno que Adorno vê de maneira negativa, pois implica a regressão do gosto pela arte que se converte em consumo e diversão dirigidos, ou seja, a arte se torna mercadoria, passível a análise fetichista, como qualquer outra mercadoria. Habermas lembra que a crítica da razão instrumental apresenta esta razão como orientação da ação humana que leva a dominação sobre a natureza (externa) e também a dominação do próprio homem (natureza interna).

Desarrollan una teoría del fascismo y de la cultura de masas que trata los aspectos psicosociales de una deformación que alcanza hasta los ámbitos más íntimos de la subjetividad y se extiende a los fundamentos motivacionales de la personalidad, y que explica la reproducción cultural desde el punto de vista de la cosificación (Habermas, 2003, p. 469).

El pensamiento identificante, dilatado primero a razón instrumental, experimenta ahora una segunda aplicación que lo convierte en una lógica del dominio sobre las cosas y sobre los hombres. La razón instrumental abandonada a sí misma convierte en fin absoluto de la vida la dominación de la naturaleza interna y externa (Ibid. p.483-484).

O objetivo dos frankfurtianos é analisar a racionalização como coisificação e como forma de dominação. Essa racionalização instrumental esta cada vez mais presente na sociedade, tornando-a uma sociedade administrada. Nesse contexto a mídia é um fruto da razão instrumental e os meios de comunicação são instrumentos fundamentais para dominação. “...un control social que todo lo penetra ejercido a traves de los canales de los médios de cominicación de masas.” (Habermas, 2003, p. 538)

Habermas terá uma visão menos pessimista sobre o papel da mídia. Para ele os meios de comunicação podem ser usados para potencializar a ação comunicativa, pois só a comunicação pode levar ao entendimento e esclarecimento. Isso é possível desde que haja prioridade para o entendimento lingüístico, porem, Habermas reconhece que o os meios do sistema (dinheiro e poder), ao colonizarem o mundo da vida, substituem o entendimento lingüístico.

Pues mientras que el médio dineiro sustituye al entendimiento lingüístico como mecanismo de coordinacion de la accion, los médios de comunicaci3n de masas siguen dependiendo del entendimiento

linguístico. Estos constituyen reforzadores técnicos de la comunicacion lingüística que salvan distancias em el tiempo y em el espacio y multiplicam lãs posibilidades de comunicacion ; que adensan la red de accion comunicativa, pero sin desaganchar lãs orientaciones de accion de los plexos del mundo de la vida. Ciertamente que la formidable ampliacion del potencial de comunicacion, esta, por ahora, neutralizada por formas de organizacion que aseguran flujos de comunicacion, y no flujos de comunicacion reversibles. La cuestion de si uma cultura de masas hecha a la medida de los médios de la comunicacion de masas desarrolla fuerzas tendentes a uma integracion regresiva de la conciencia depende ante todo de si ‘la comunicacion (se encarga) de asimilar a los hombres a través de su aislamiento’, y de ningun modo de si lãs leyes del mercado penetram cada vez más profundamente em la propia produccion de la cultura (Ibid. p.473).

É importante lembrar que para Habermas o entendimento é um processo de convencimento recíproco por via da comunicação que coordena as ações individuais por motivações racionais. É a partir disso que Habermas chega a sua noção de racionalidade comunicativa. Contudo fica evidente a importância das praticas comunicativas, praticas que podem ser

distorcidas pela colonização do mundo da vida pelos meios do sistema.

CONCLUSÃO

Mark Poster apresenta em *The Second Media Age* as três indagações que foram tomadas como eixo dinamizador desse artigo. Tais questões são: 1ª) A interação com os meios de comunicação leva o sujeito a uma situação de autonomia ou heteronomia? 2ª) Os meios de comunicação exercem uma influência determinante sobre o sujeito? E, por fim, 3ª) O sujeito é capaz de resistir à pressão da mídia? Esse trabalho buscou responder tais questões através das reflexões de Jürgen Habermas e de seus principais antecessores frankfurtianos, isto é, Adorno e Horkheimer. Ao longo do trabalho foi constatada uma relevante diferença entre as reflexões de Habermas e as de Adorno/Horkheimer.

As reflexões de Adorno e Horkheimer sobre cultura de massa e indústria cultural, sugerem as seguintes respostas para as questões propostas: 1ª) A interação com os meios de comunicação leva o sujeito a uma situação de heteronomia; 2ª) Os meios de comunicação exercem influência

determinista sobre o sujeito; e 3ª) O sujeito não é capaz de resistir a pressão da mídia. Adorno e Horkheimer apresentam uma concepção negativa dos meios de comunicação de massa, concepção que será atenuada por Habermas.

Habermas ressalta a possibilidade do sujeito resistir, questionar, as mensagens emitidas pelos meios de comunicação de massa. Desse modo, Habermas entende que não há, necessariamente, determinismo da mídia sobre os agentes e, além disso, aponta a possibilidade de formação de sujeitos autônomos na relação com os meios de comunicação de massa.

A análise de Habermas sobre comunicação pode ser sintetizada em quatro aspectos: 1º) O aspecto positivo: Os meios de comunicação de massa superaram os limites de espaço e tempo fazendo surgir espaços virtuais para a opinião pública. Assim podem elevar o potencial da ação comunicativa. 2º) O aspecto negativo: A mídia tem por objetivo influenciar a esfera pública, a opinião pública, em função de interesses políticos e econômicos, assim Habermas afirma que a mídia pode invalidar o potencial democrático da esfera pública. Outro aspecto negativo é

o caráter unilateral, monológico, dos meios de comunicação de massa, isto é, o fluxo de comunicação se dá do centro para periferia, sendo que o contrário não é comum, não há diálogo, não há livre argumentação, trata-se de uma estrutura hierarquizada de comunicação. 3º) Capacidade da recepção: Habermas entende os homens como atores responsáveis, ou seja, os receptores da informação podem resistir à pressão da mídia. A esfera pública pode até inverter, em alguns casos, a direção do fluxo de comunicação (centro → periferia) movimentando-se através de manifestações e formas de protesto, para afetar as instâncias de decisão. 4º) A comunicação para Habermas deve ser dialógica, assim deve envolver interação, o que é indispensável para a ação comunicativa. A ação comunicativa se dá nos espaços do micros social onde pode haver interações sem coerções e o indivíduo pensa e se expressa livremente.

Por fim, é notável o amadurecimento da teoria frankfurtiana nas reflexões de Habermas, na medida que, esse pensador recusa uma concepção simplista de massa como um todo homogêneo sem exceções. Habermas demonstra que a massa

receptora das mensagens dos mass media é composta por sujeitos diferenciados, entre tais podem existir atores capazes de questionar as informações e estabelecer um questionamento entre seus semelhantes no mundo vivido, efetivando assim o agir comunicativo, instrumento de mudança social.

Abstract

This article consists in a comprehension of the impact of the mass media in formation to the subject. This impact is measured through of three questions: 1ª) The interaction with the mass media takes the subject to a situation of autonomy or heteronomy? 2ª) The media exert a deterministic influence on the subject? 3ª) The subject is able to resist pressure from the media? Answers are sought in the considerations of Adorno, Horkheimer and Habermas. However, the article demonstrates a significant difference between the ideas of Adorno/Horkheimer to Habermas's conceptions.

Key words: Communication, Mass, Subject.

BIBLIOGRAFIA.

BENHABIB, Seila. A Crítica da Razão Instrumental. In: EAGLETON, Terry(org). Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.

FREITAG, Barbara. Dialogando com Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

GIDDENS, Anthony. Sobre Trabalho e Interação em Habermas. In: Política, Sociologia e Teoria Social. São Paulo: Unesp, 1998.

HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia, vol. 2, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. Teoría de La Acción Comunicativa, I e II. Madrid: Taurus Humanidades, 2003.

POSTER, Mark. The Second Media Age. Cambridge: Polity Press, 1995.

THOMPSON, John. O Escandalo Político, Poder e Visibilidade na Era Mídia. Petropolis: Vozes, 2000.

NOTAS

¹ Faculdade de se governar por si mesmo.

² Condição, de pessoa ou de grupo, que receba de um elemento que lhe é exterior, ou de um princípio estranho à razão, a lei a que se deve submeter.